

pare de cortar a grama

[https://soundcloud.com/filipe-dos-santos-barrocas/
leitura-de-o-corpo-neutro](https://soundcloud.com/filipe-dos-santos-barrocas/leitura-de-o-corpo-neutro)

15.11.2016. Terça-feira. Primeiro dia. Quando cheguei, Renato e Filipe já estavam na sala. Fomos oito hoje. À chegada, Júlia convidou a mudar de lugar as coisas da sala que será nosso ponto de encontro durante os próximos quinze dias. Tudo começou com um desejo, uma vontade de tirar os sapatos e colocá-los num determinado lugar. Deitámos no chão, sentimos o peso do corpo a soltar, Júlia disse que se pode soltar sempre um pouco mais, e que talvez soltar tudo seja morrer. Lembro que aprendi com a Máira, a deitar o peso no chão. Fechar os olhos, respirar e começar a se mover a partir dessa respiração em fluxo constante. O exercício de ouvir meu corpo em lentidão, de escutar o ar com calma para ambientar o movimento, abandonar a figura e se tornar fundo. Um estado de concentração. Respirar. Começar a falar, dizer em voz alta a primeira coisa que vier à cabeça. Palavras, o som do corpo, fluxo de pensamento, o que vier. Começámos a cantar, a remontar melodias da infância, os sons primeiros. Enquanto cantamos ouvimos o que os demais fazem, escutando o outro e a si, vozes sobrepostas, e pausa [observo os micromovimentos que existem na pausa; acho que não paro nunca]. E da pausa cheia de pequenos movimentos passamos a olhar o olho do outro como se não fosse um olho. No meu caderno anotei: mexer junto com a respiração, daí acrescentar fala,

daí cantarolar, daí alternar olho aberto e fechado, daí alternar fala e canto, daí parar e olhar o quadro que você vê sem se mover da posição, daí mover, daí parar e outra vez, daí se aproximar dos outros, daí mover numa respiração conjunta, daí parar numa posição confortável, só para olhar, olhar, daí só se mexer se quiser muito olhar outra coisa, olhar perto, longe, daí buscar um outro olho, e depois outro olho, daí olhar o olho do outro como se fosse outra coisa. Queria ter essa prática de anotar sempre os exercícios que me interessam, mas no geral eu esqueço. Daí pensei: olhar o olho como se fosse uma pedra. Me aproximei dos outros corpos, encurtei a distância para olhá-los, aquecer detalhes, esgarçar o tempo. Me afastei, até o extremo da sala, para reconstruir a imagem da minha, da nossa presença ali no meio. O que acabo de viver? Pausa para escrever aquilo que vier à cabeça – mas é difícil escrever quando não se está habituada. *Peixes voam no mar*. Filipe e Renato arrumam o espaço para a leitura d’*O corpo neutro*, um vai-e-vem do projetor de slides, dos fios, um quadrado é traçado em fita crepe no chão, dentro dele estão o projetor e os livros – algumas partes fora e outras dentro da capa de papel. Tive muita fome durante a leitura e comi uma maçã, apoiei os restos sobre o meu caderno. Enquanto os retratos eram projetados na parede, passagens do texto eram lidas em voz alta

por nós oito. “A história não é simplesmente aquele tempo em que ainda não éramos nascidos?” O acaso a encadear o sentido, as personagens virando pessoas. Minha querida irmã, que este postal te encontre bem. Fotografia é passado, presente, futuro. Como olhar a História fora dela, nesse tempo que é puro excesso de agoras? Acaba a leitura, caminhamos em grupo, em silêncio pelo Sesc, cada um a seu jeito até chegar em casa. Enquanto caminhávamos pelo subsolo encontramos uma balança e pesei a palavra calhau. E o silêncio, quanto pesa? As nuvens, o Fred me disse, pesam imenso, toneladas e amanhã a Luísa vai me dizer que se sentiu presa nesse silêncio. Tu te lembra que a Júlia pediu-nos para ficar em silêncio? Espírito voador o dela. Pena o desfecho ingrato, sentamos à fila de espera, pelas inscrições, e as senhas jamais chegaram e eu brinquei com um pedaço de cordão que se foi desfazendo aos poucos e pensei na estrutura do cabelo crespo que ninguém aqui tem e que tanto me fascina. Depois, enquanto ainda esperávamos, li o folheto da mini-exposição *Calhau*: (aquilo com que se preenche) o espaço vazio deixado no jornal por uma notícia que caiu ou por uma publicidade barrada. Este diário, por exemplo, é puro calhau. Finalmente chega a nossa vez e fazemos as inscrições. Juntos vamos almoçar em silêncio e partimos. Eu voltei sozinha e fui embora suspensa nesse

estado de atenção. Alguém me contou que Trisha Brown tem alzheimer e que, no estágio inicial da doença, quando ela se recolhia ao seu mundo, ela dançava, só dançava. Do movimento como sustentação de uma pessoa. Escrevi no metrô – do Jardim São Paulo até a Ana Rosa: “Eu quero morrer no mar”. Vêm-me à cabeça as frases dela: “Perdi vocês. Será que há tempo para um abraço?” E ainda: “Engraçado vê-las as duas juntas”. Uma tristeza profunda por tão fortes encontros que se desfazem. Cada uma a seu modo, nos perdemos. O que fazer, o amor é coisa silenciosa. Amanhã caminharemos mais.

16.11.2016. Quarta-feira. Hoje eu não pude ir, escrevi no Facebook para Júlia e Filipe. Ontem o tempo era tão outro e hoje o tempo também é outro. Quantos tipos de tempo existem por aí? A morte dá uma suspendida nele, não a nossa – que talvez não percebamos – mas a de outra pessoa, suspende o nosso tempo. Ouvir “peixes voam no mar” também suspende o nosso tempo. Outra suspensão. Quantos tipos de suspensão existem por aí? À chegada de hoje Júlia convida a mudar as coisas de lugar novamente. Mas desta vez o espelhamento: revirar as entranhas da sala em simetria. Preciso consultar as fotografias para lembrar a ordem dos acontecimentos. Hoje novamente dançamos nossa respiração, o

ar como suporte, para nos insurgir um pouco mais contra o chão em direção ao céu. Sustentar a suspensão, disse a Júlia. Depois um exercício: abrir a porta, entrar e deixar-se ser observado. Observar. Respirar e assentar o corpo no espaço, no olhar do outro. Ver de olhos fechados as pessoas que eu sei que estão ali, inclusive eu estou ali, a me ver, de olhos fechados. Entrar e sair, desta vez de modo diferente do que experimentei com Kota, e Júlia tinha razão, desse jeito é outra coisa, simplesmente receber e ser recebido, que clima se produz. Como? Por quê? Sair da sala e caminhar pelo Sesc sozinho. Notei o que não notara ontem, os consultórios odontológicos que estão aqui à frente, ontem eu não os vi. Encontrei um quadro bonito, um “mantra” em que padrões se repetem sempre com pequenas alterações que o transformam, Rosa é o nome da pintora. Não tenho certeza, mas li que ela é antropóloga interessada em dizer a verdade por meio da cor – achei bonito. E em frente ao quadro dela, mesas de xadrez, damas e dominó. E voltando para a sala, vi os demais e fui visto por eles, Filipe, seu corpo magro, seus dedos nodosos, seu lustro e seu rosto de sombras, cavidades e pronunciamentos. Não sei mais o que escrever. Vê-los todos de olhos fechados, um tanto estranho. A sensação do contato olho a olho aberto é a mais intensa, depois a de entrar de olhos fechados e saber

que eles estão a me ver. Próximo ponto de encontro: a área de periódicos na entrada do Sesc. Sentámos, escolhemos uma publicação e lemos em voz alta passagens do seu conteúdo. Companheiro quer dizer aquele que come pão conosco. Belzebu é o demônio da gula. Há um para cada pecado. Escolher entre ler ou estar calado e ouvir o outro a ler. Nosso primeiro acontecimento público passa despercebido. Naquele espaço de chegada, a cidade chega também e se ouve tudo e mais alguma coisa: os motores, as conversas e outros sons indiscerníveis se juntam à leitura. E quem hoje em dia não dana a falar em voz alta a qualquer momento, no celular, sozinho, em público? Então não teve dimensão pública nosso gesto e depois caminhámos juntos de volta à sala, em silêncio, antes de voltarmos para casa com o dever de trazer amanhã um texto e a forma de o apresentar aos demais, além de dois objetos, um a deixar dentro e outro fora da sala. Eu trouxe apenas um e o meu esteve nesses dois lugares. Cada um os deixou onde quis. Fora e dentro. Um porquinho de porcelana cor de rosa metade saleiro metade paliteiro, uma estrela ninja do mar de ferro fundido, uma ampulheta amarela, uma sacola de papel com uma garrafa dentro.

17.11.2016. Quinta-feira. Hoje o interior da sala virou paisagem. Cada um deixou no interior da sala o

objeto que trouxe de casa e nos apresentou o texto escolhido. Eu soltei a gravação da leitura de *O homem cordial* que fiz faz meses no meio de Trás-os-Montes e pedi para se deitarem no chão e ouvirem no escuro. O Renato saiu da sala, ligou de um telefone fixo do Sesc para o meu e nos contou do dia anterior. No meu caso, fui até um dos roxos telefones públicos do térreo e, do mais à direita, liguei para o celular do Filipe em viva voz e gastei minhas últimas dez unidades de crédito lendo para ele trechos de minhas anotações, feitas ontem, quando saímos da sala em busca de leituras do espaço. Foi durante esse passeio que ouvi a pergunta “até que idade é adolescente?”, e a resposta “até os 25”, e foi durante esse passeio que encontrei o quadro da Rosa Oliveira, pintora e desenhista, formada em antropologia, que busca falar a verdade numa língua que é a cor, e foi durante esse passeio que me deparei com uma grande e larga bancada de mármore à altura do peito, frente a uma janela enorme de onde avistei a rua por onde chego todos os dias, caminhando, e nela os grafites coloridos que mais de uma vez me chamaram à atenção, *hiphop don't stop*. E me vi lá, na rua, a caminhar a caminho daqui, refazendo a experiência a que nos conduziu a Júlia, ver-me lá onde já não estou, mas estive e, quem sabe, estarei, e foi durante esse passeio que ouvi um pai dizer ao filho, “você é

vagabundo mesmo, hein”, e foi durante esse passeio que anotei a constância dos tais janelões, amparados pelo mesmo mármore, como este agora onde estou, em que um calor se faz sentir, um calor que emana do vidro, pousa no mármore, está contido na parede, e foi durante esse passeio que, no térreo, me deparei com o espelho do elevador aberto e o espelho se fez enquadramento do mundo às minhas costas, o mundo às minhas costas e eu de frente para o espelho no interior do elevador aberto, eu me movo, o enquadramento se move, o segurança lá ao fundo, um homem a instalar um linóleo, a porta do elevador se fecha e tem fim o nó visual, e foi durante esse passeio que avistei um trio de telefones públicos, roxos, cada um no seu quadrado, embutidos na parede de fôrmica branca e testando-os me dei conta de que apenas dois deles, os mais à direita, funcionavam. Me interessa esse jogo com as coisas, posicionar. Pensar que tudo é paisagem, relevo. Esse lance de landscape. Transformar conversas em paisagens, landscapes into other landscapes, landscapes of something else than itself. Olho as águas debaixo da cama elástica. E o banco comprido passando atrás? Me coloco entre as coisas. Escrevi no escuro: como des-hierarquizar o espaço. Leio trechos sobre existir, do livro *A Náusea*, de Sartre. Peço que fiquem bem próximos uns dos outros e pensem onde colocar as mãos durante a leitura

(esse jogo com as coisas, posicionar) e então começo. “A existência não é algo que se deixe conceber de longe: tem que nos invadir bruscamente, tem que se deter sobre nós, pesar intensamente sobre nosso coração como um grande animal imóvel – do contrário não há absolutamente nada mais”. Lembro que a luz ficou acesa tal como ficou enquanto a Carol lia as palavras que o Nuno Ramos escreveu em Ó, enquanto caminhava entre nós, deitados. A Laura transcreveu o texto no espelho da sala como se uma carta fosse (provavelmente ainda está lá escrito). Ana Cristina Cesar. “Você não acha que a distância e a correspondência alimentam uma aura (um reflexo verde a lagoa no meio do bosque)?” Sentámos à mesa com a Júlia para a ouvir dizer em português instantâneo o texto *manifesto*, que em inglês ela ouvia nos fones Você fica pronto mas você não sabe pronto para quê O que podemos aprender com encontros Mover para quê Deixe a aranha decidir pela aranha Eu prefiro a gente incompleto Esperar alguém no aeroporto que você sabe que não vai chegar Nenhuma diferença entre um workshop e uma performance Não tente produzir alguma coisa Mostrar ou trocar Por que não experimentar algo junto Qualidade de presença Nos conecta telepaticamente Um segredo que você tem que carregar Mudar de posição Qual a diferença entre ver e olhar A distância do olhar

produz julgamento Ditadura do olhar O que está realmente parado Onde está o tempo Você acha que as redes sociais e os aplicativos dispersam nosso trabalho / porque você pode publicar antes de terminar um processo Os trabalhos fortes são concentrados no que é próprio deles No coração Eu não sei o que significa ainda Deslocamento Decidir fazer alguma coisa em que você não é bom ou que você nunca tenha feito Invisível / gentil / suave Espaço aberto Lúdico / útil / sem utilidade / fácil Quão dentro você quer ir Esqueça o peso da sua cabeça O movimento sempre responde a alguma coisa Qual a urgência dessa pessoa Delicadeza não fazer da sensação uma armadilha em que você se torna amarrado O corpo é também uma matéria construída O corpo não termina no corpo A dança não tem nada a dizer / você deixa o outro dar o significado e o sentido Mover sem qualquer esforço Descanse durante o movimento O corpo que sonha Sendo uma paisagem Transparência / opacidade O som pode suavizar as paredes Respire Todo movimento igual em importância Tudo sobre sensibilidade e porosidade Amor não tem argumento O que fazer quando o teatro trabalha com aquilo sobre o que a gente não consegue falar Linguagem e conhecimento O que é escultura hoje Falhar / mentir Projeção do fim Dance como você lava a louça Mundo e língua Identidade é uma

convenção Experimentar a dança todo dia como o
pôr do sol Não é meu é nosso Tornando-se público
Os privilégios de se tornar anônimo e público Libe-
ração da prisão do eu Solidão compartilhada Igual /
qualquer coisa / alguma coisa Por que porque Expe-
riência estética além da compreensão Sem palavras
/ singular / único Referindo-se a si mesmo Um pen-
samento que é impensável O poder precisa da ilusão
do parado Não sou eu senão a prática Em compa-
nhia com a dança Algo no escuro Pequeno caminho
Experiência anti-herói Nada a fazer A linguagem é
um outro mundo E você Outra pessoa é outra língua
Deixar as pessoas trazerem elas mesmas Porque um
trabalho no palco Trocar silêncio O que significa
desperdício Espera Pense no modo como jogamos
nosso lixo, nossa merda Estou encarando as pergun-
tas certas O que é a coisa que você está sempre se
perguntando Qual o seu nome De onde você vem
Como você gostaria de ser chamado hoje Por que é
tão diferente experimentar coisas diferentes No que
você está prestando atenção Quanto do que a gen-
te vê é só o que a gente pode pensar A gente passa
tanto tempo falando e para quê Não reclame faça Se
você não quer saia Viajar para a ficção Imagine Um
espaço aberto pode ser desconhecido É novo quan-
do te acontece algo que você não estava esperando
As coisas mais importantes você não vai pegar Tudo

é muito E acabou de passar Não tenho a certeza da ordem das leituras. Depois de todos lermos, saímos da sala pelo Sesc, fotografando, o que quer que fosse, e tivemos dez minutos para realizar uma fotografia. Todos trouxeram mais de uma. Exercício: escrever para uma imagem de alguém usando apenas as palavras contidas no seu caderno. Voltámos para a sala e sentámos em volta da mesa onde a Julia tinha feito a leitura dela, oferecemos uma foto para a pessoa ao lado. Para escrever sobre a foto só podíamos usar palavras que estivessem anotadas nos nossos cadernos pessoais. Um exercício bom. É sempre interessante fazer essas coletas dentro do caderno. As combinações são infinitas e prazerosas, e uma vez que você agarra um fluxo, pega uma onda de pensamento, fica difícil se colocar um ponto final. Quando reconhece uma imagem osso. Uma imagem pedra. Uma imagem in the real world. A parede. O concreto. O frame. Can you confirm what is there? Touch it. A parede in the real world. What is the real world? Can you touch it?

18.11.2016. Sexta-feira. A Joana hoje não veio e eu não lembro da chegada. Acho que ouvimos juntos uma gravação da Júlia do dia anterior. Começa com o corpo de hoje, de agora. O corpo da Key. Depois, deixa que as partes do seu corpo tenham certa au-

tonomia em relação a você e em relação às demais partes. Num determinado momento, você compreende que a cada instante várias são as direções possíveis para cada parte do corpo, e direções são então tomadas de modo quase sempre surpreendente. Músculos. Articulações. Estica. Espaço. Subjetiva o movimento de maneira mais sutil. Esgota. Olha. Faz parecido. Planos. Quase estiliza, mas não exatamente. Matéria chão. Sem matéria chão madeira rangendo. Dinâmica lenta – muito lenta – câmera lenta. Fluxo rodopio. Matéria chão rangendo sob os pés. Olha. Faz parecido. Fluxo rodopio chão rangendo matéria corpo. Corpo apoio. Impulsão. Explora planos. Explora braços. Corpos contra-luz composição. Espelho. Áudio paixão. Intenção movimento repercussão. A Júlia sugere tirarmos do foco o sujeito da ação e eu, em vez de sujeito do meu corpo, me sujeito a ele, à paixão segundo Larrosa. E então uma breve palestra com Filipe. Neutro quer dizer nem um, nem outro (ou mais) – e ainda pode ser os dois em simultâneo. Quebra de paradigmas. Estado de tensão. O que está antes de qualquer definição. Estado de suspensão. Corpo neutro quer dizer corpo aberto, em apneia. Adorei isso do corpo neutro ser um corpo sem julgamentos – uma utopia divertida. Depois lembro do segundo acontecimento público, a leitura no exterior. Cada um saiu com

[https://soundcloud.com/filipe-dos-santos-barrocas/
segundo-acontecimento-publico](https://soundcloud.com/filipe-dos-santos-barrocas/segundo-acontecimento-publico)

o texto *Notas sobre a experiência e o saber de experiência* do Jorge Larrosa, escolheu um lugar do Sesc e o leu em voz alta. Começaram todos ao mesmo tempo. Saí da cafetaria com o gravador na mão e gravei o percurso até eles. Um por um. A incrível experiência de ler esse texto para dois caras a jogar damas, ao lado do quadro mântico de Rosa Oliveira. Eu os senti comigo, tanto que quando terminei um deles me perguntou o que eu estava lendo e pediu a referência. Amanhã terei uma experiência completamente diferente, ler sob o anonimato da voz sem corpo, imagine, você adentra o banheiro e uma voz desencarnada está a ler um texto de dentro de uma cabine. Eu pararia para ouvir.

19.11.2016. Sábado. A Júlia não veio, o gato da Joana quebrou o fêmur, operou, colocou pinos, e ela também não veio. Eu dei a chegada. Estive nervosa, pois foi a primeira experiência de propor num contexto como esse. É estranho. Um pouco obtuso essas coisas que dizemos ao outro. Não é da minha natureza tomar iniciativa. A página virada? Será? Carol deu a chegada. Um exercício que era outra coisa na semana passada, quando a Beti o conduziu e em duplas encostávamos a maior quantidade possível de corpo nosso no da outra pessoa. Daí, começávamos a respirar, a nos mover e a pausar juntos. Isso por um

tempo. Depois menos superfície, e mais um tempo, depois um ponto só e mais muito tempo, depois sem tocar. Isso durou uma hora e pouco. E foi intenso. Tem a ver com o que tenho visto do Du e da Bia também: como estarmos juntos? Como nos ouvir sem ter a fala como guia? A minha proposta era repetir esse exercício, porém dentro do que estamos estudando, pesquisando, vivendo, não fazia sentido sermos duplas. Tínhamos que ser os quatro juntos. E foi acontecendo. Do chão, deitados, fomos diminuindo o espaço entre nós, gradualmente, até nos encontrarmos e fazermos uma amálgama com nossos corpos, conectados pela respiração e pela maior área de contato possível uns com os outros, e aos poucos essa mórula vai se mexendo, pausando, a partir de uma escuta constante de todos esses pedaços que se tocam, numa respiração coletiva. Isso dura um tempo. Uma hora talvez. Respirando juntos. Até nos separarmos. Esse exercício da Carol é o máximo. Me impressiona quanta sensibilidade cabe numa escuta corporal. In a given situation, me senti realmente levado pela respiração coletiva, pelo movimento que não tinha começo nem fim. Olha o que eu escrevi [em escrita automática]: o peso do corpo sobre o outro, desenquadrada estação, tempo atropelado, corpo amassado, uma mão por baixo do meu quadril, o calor, o tato, o toque, sinto, a outra

mão encosta na minha e não consigo sustar um suspiro, som sustentado, o gesto sumido, um corpo que move quando os outros movem. E também: a transformação de uma proposta. O que nos faz estar juntos, mover juntos? Quais as possibilidades de estar com o outro e estar também consigo? Não tenho mais energia para muita coisa ao mesmo tempo, não que tenha muita energia para tantas outras. Qual o volume da voz? Como estar dentro e se fazer ouvir? Dos dias loucos, dos dias “D”. A pausa e o movimento dentro da pausa. As velocidades distintas. Seria respi.... [não acabei a palavra]. A escrita automática ainda é um exercício curioso para mim. Eu preciso urgentemente parar de comprar esses lápis que deslizam tão mal sobre a superfície do papel. O pior é que ainda tem uma caixa cheia deles lá em casa. Será que alguém trocaria comigo? Superfície. Apoio. Área de contato. Joelho. Morro de medo de muito peso sobre os meus joelhos. Projeções e lembranças de ontem à noite. Calhau. Conforme vejo Filipe à minha esquerda. Que é com i e não com e. Sons de lápis e mãos e tecidos passando, roçando, no chão e no papel e esse som do ar (condicionado) que é meio alto, mas não tanto quanto o “humming” do som. Que mais parece uma máquina industrial assim como.... E então o terceiro acontecimento público. O Renato propôs lermos *Notas sobre a experiência* em

voz alta no interior do banheiro. Eu não li todo. Continuei de onde havia parado ontem quando lemos o texto, também em voz alta, em algum espaço do Sesc, no meu caso, o foyer do teatro. Senti-me muito exposto ao ler aquele texto em voz alta de dentro do box da privada. Quando alguém entrava na cabine ao lado eu tinha certeza que a pessoa subiria no vaso para olhar por cima. Ler numa língua que não é sua de início. Daí, criar uma língua sua. É o que é possível agora. Estar aqui. Não estar aqui. Ouvir o som que os outros fazem dentro do banheiro. As variações. Os suspiros. O estranhamento de ir ao banheiro público para ler em voz alta. Ler para mim e para um outro. Foi difícil começar. Mas depois foi. Também foi difícil estar atenta ao que acontecia fora. Só ouvia o Renato no banheiro ao lado – separados por uma parede. A ideia foi minha, e a tive alguns minutos antes de a propor, ao ir fazer xixi e escutar um sujeito a falar ao celular dentro de uma cabine. Uma experiência singular, ler no vazio, frio, azulejado. Uma espera pelas pessoas que ali entrassem (os homens na verdade). E cada vez que alguém entrava no banheiro uma nova conexão, uma nova presença, e um desejo de ser escutado, de tocar. E esse texto, a crítica que faz à raridade e à desqualificação da experiência em nossa sociedade, se faz uma espécie de ataque proferido contra todos os insensí-

veis, que não param para ouvir, para sentir. (A Júlia vê inclusive nesse texto um descompasso entre a forma, imperativa, e o conteúdo, experiencial). Sim, foi um golpe baixo lê-lo no banheiro. A experiência. A memória. Foda. Parar. Dar-se tempo. Silêncio. A água na torneira. A moça que limpa. A paixão. A experiência é uma paixão. A paixão como experiência. Ficar sentada com a tampa da privada fechada. Uma busca por banheiros. Uma deriva um tanto dispersa de minha parte. Coisas na cabeça. Coisas no celular. O ginásio sob outro ângulo. Vestiário com senha. Onde já se viu isso? Já se viu? Rampas e esse lugar que está quase tão familiar quanto uma casa embora tenha conhecido apenas um de seus banheiros – justamente aquele rejeitado por parecer óbvio demais. Um texto já está sendo lido na comedoria e então o teatro, vazio, mais vazio do que cheio, seja lá o que isso signifique. A última cabine e o xixi é de verdade. Uma referência de situação comum e a ideia fixa da paixão – regedora de existências. Ontem o papo astrológico do terreyro deixou isso tudo mais óbvio. Mas pensar sempre por esse viés não seria ignorar outras complexidades? E singularidades? A paixão é esse cativo em que se quer estar. Over and over and over. Mergulho em águas profundas com alteridades de ar. Que confusão. Seria isso abstração da complexidade? A experiência é uma pai-

xão. Ela é passiva, mas não só. Ela é ativa e ele não fala isso, mas creio que tenha a ver com escolha. Paixão é escolha, sempre é. Mesmo que ingênua, imatura, é escolha. E tem o romantismo que é cultural, mas ao mesmo tempo gostoso, e que potencializa o cativo todo. E se tem uma coisa que é *experiência* e não *informação*, é isso – de paixão. Você sente no corpo, no peito, na garganta – está tudo ali mesmo que não se queira, mesmo que não se busque. E isso pode soar contraditório, já que foi uma escolha, em primeiro lugar. Como promover a experiência através de um texto? Seria a nossa relação com a História algo informativo? A História não nos acontece, não nos passa, não nos atravessa. O que nos chega parece ser *informação*. Daí o esquecimento. Daí a repetição. Você não bate a cabeça e sente a dor por meio da história. Através da experiência de ler um texto passando por um teto baixo, sim. Depois, o Renato propôs ficcionalizarmos um funcionário. Seus olhos espelhados no espelho da piscina. Aos quinze anos, caiu de bicicleta. No mesmo dia, apaixonou-se pela primeira vez. J é alérgico a.... J acorda cedo. Nada, come, até chegar ao trabalho. Aqui, senta-se na cadeira em frente à catraca e passa assim seus dias – salvo as segundas e os dias santos. Com três anos, viajou pela primeira vez com seu pai – só com o pai. Foram à praia de Ubatuba. Repetiram isso, a viagem

em dupla – todos os anos até o dia em que J caiu da bicicleta e se apaixonou pela primeira vez. J se lembra de cada viagem. As da praia são suas favoritas: a cor da areia, o vento, o cheiro do mar, os caixotes das ondas. Camarão. Ele é alérgico a camarão. Ele é de São Gonçalo. Tem três filhos. Anda devagar, usa sapatos, óculos escuros espelhados como o vidro que o separa da piscina, no qual ele passa o dia a se olhar, já acostumado à própria imagem. Volta a se sentar, posição na qual permanece por tempos a fio. Tem cinquenta e cinco anos e olha o relógio, está com fome, fraco, lento, já não pensa, ou pensa? Ele masca chiclete. Não parece preocupado. Apenas acostumado, às dívidas, à pressão alta. Ali ao lado está escrito que é proibido fotografar esta área de intimidade solar, mas ele me diz que escrever pode. Sendo um dos filhos mais jovens de seu pai, que nasceu por volta de 1903, sua avó fora escravizada em uma fazenda na Zona da Mata, nos arredores de Juiz de Fora. Ele carrega consigo elementos de sua ancestralidade, gostaria de pensar mais neles, mas não se sente à vontade – se levanta para orientar alguém a não colocar os pés sobre a espreguiçadeira –, não se sente à vontade para expressar tudo o que sente. Passa a mão direita na cabeça completamente raspada. Quando jovem, chegou a ostentar um black, hoje vive em São Paulo, vota em São Paulo. Votou no

Doria, mas queria ter votado na Erundina. Pelo balanço ritmado de sua popa a caminhar, percebe-se que bebe e que samba. Mas acho que ele não está solteiro. Nesse dia, ao fim de tudo, fui entregar a chave da sala multiuso à Suelen e ela me perguntou se havíamos deixado objetos escondidos pelo Sesc. Eu disse que sim e ela me perguntou quanto tempo eles vão ficar lá.

22.11.2016. Terça-feira. Recomeça a semana. Flora nos visitou. Não fui. Estava seguindo técnicos do Vila Mariana para que montassem (me parece estranho esse verbo) a luz. À chegada, Júlia pediu que contássemos uma história acontecida no caminho de casa até o Sesc. Alguém disse amarelo, pare de cortar a grama. A mim o que ocorreu foi que nada aconteceu propriamente e eu simplesmente flutuei, absorto, pelo caminho de casa até aqui. Mas quando terminamos a rodada: a brincadeira. Júlia começa outra história e me dou conta de que ela está a contar, a seu modo, o que eu havia contado. Fomos assim sutilmente obrigados a, um por um, recontar como se fosse nossa a história do outro, amarelo, pare de cortar a grama. A proposta seguinte da Júlia foi vivermos uma experiência milenar: seguir alguém secretamente, durante um longo período de tempo, sem ser notado. Eu segui uma família até à

loja das Americanas. Eu segui uma senhora desde a rua até à piscina, passando pelo vestiário. Eu segui um senhorzinho, o mesmo que entrou por engano na nossa sala naquele mesmo dia, o mesmo que a Júlia fotografou em frente ao espelho escrito com o texto da Ana C. Cesar. Quando ele entrou por engano nós trocámos um sorriso, e quando eu saí da sala para fazer o exercício, trocámos um oi. Foram dois quartos à esquerda do Sesc seguindo ele e a mulher até seu carro que estava estacionado em frente a uma parede vermelha grafitada. Mas isso durou um tempo curto em relação ao tempo total do exercício. E depois outro exercício, caminhar todos enquanto lemos em silêncio as *notas sobre a experiência*. O quarto acontecimento público. Várias pessoas a ler enquanto caminham no espaço do Sesc.

23.11.2016. Quarta-feira. Foi como a terça. Júlia e eu nos encontrámos e ela me disse para pararmos alinhados na rampa da entrada quando chegarmos ao Sesc amanhã. Hoje o Renato virou a Ana para mim. E Ana para mim era um misto de Ana Cristina César e Ana Laura, mas ninguém nessa história andava de skate. O Filipe voou de braços abertos na sala semi-escura e morri de medo das bolas de basquete que estalavam no chão. A gente tem licença poética para ser escroto ou escrota nesta vida?

Renato propõe irmos para a área dos periódicos, escolhermos uma notícia e contá-la a alguém por meio de uma mensagem de voz, e depois na sala de aula ouvirmos as gravações. Enquanto um ouve de olhos fechados, o remetente faz de remetente da mensagem e o outro de mensagem. Aonde foi parar a área de leitura que estava aqui? Foi para o ginásio, então: abrir um jornal e segui-lo até encontrar uma notícia que te toque interesse. Produzir um áudio para alguém, que seja ao mesmo tempo uma leitura, um comentário e uma crítica. (Descobri que Alberto Santos Dumont inventou outras coisas além do avião, que era bondoso e repartia prêmios com seus mecânicos, além de doar aos pobres, e descobri, para minha surpresa, que ele se enforcou). A partir dessa mesma notícia ou artigo, elaborar cinco perguntas não óbvias e de preferência com elementos definidos, como: você inventou o avião? Você divide algo do que ganha com os pobres? Seu mecânico é, de alguma maneira, dono do seu carro? Você vai ficar para a história? Você morreria enforcada? Não, Marilda não inventou o avião porque quando ela nasceu o mesmo já havia sido inventado. Ela inventa sim, todos dias, alguma coisa, nova, só vendo, é indizível. Direta e indiretamente, ela dá algo do que ganha aos pobres, sapatos, livros, discos, às vezes algo novo, comida sempre nova. No caso de

Marilda, sim, seu mecânico é, de alguma maneira, dono do seu carro. Um Lancer 97. Não vende esse carro, diz o mecânico, que eu vou comprar. Tudo o que ela aprende sobre automóveis anota num caderninho e compartilha com ele que então faz o mesmo. Em certo sentido, Marilda pode ficar para a história, afinal, ela deixará atrás de si suas invenções. Ela não gostaria de morrer enforcada, mas sim tranquila, simplesmente apagar ao dobrar a esquina.

24.11.2016. Quinta-feira. Cheguei ao Sesc e como a Júlia havia dito, parei na rampa da entrada. Chegámos todos juntos ou quase todos. Acho que eu, Renato e Filipe. Renato viu Joana no vagão do metrô, mas ela caminhou mais rápido a distância até o Sesc. Júlia chegou depois. Não lembro se a Laura chegou a tempo de ficar conosco na rampa. Ficámos um tempo bastante. Só estivémos. Fomos longamente observados por um homem de blusa vermelha e um velho pediu informações. Outras pessoas passaram. Subimos para a sala multiuso e tinha um outro velho batendo a bola de basquete no chão e lendo o texto da Ana Cristina que a Laura havia escrito no espelho na semana anterior, no dia em que compartilhámos textos. Chegou um funcionário do esportivo e Júlia falou bastante com ele sobre a sala estar sempre ocupada quando chegamos. Eu não tinha entendido

[https://soundcloud.com/filipe-dos-santos-barrocas/
exercicio-de-leitura-dos-cadernos](https://soundcloud.com/filipe-dos-santos-barrocas/exercicio-de-leitura-dos-cadernos)

que era uma provocação dela, mas ela rapidamente me disse. Daí, fomos para o teatro, para a reunião da odontologia. Ficámos um tempo lá antes da reunião começar. Telão com uma apresentação cheia de branco e verde-água [ou azul-esverdeado]. Uma hora fomos tomar café no foyer do teatro já que a comedoria havia fechado para reformas e só reabriria ao fim de dezembro. Suelen se sentou conosco. Não lembro o que a gente fez depois. Acho que fomos para a grama, a Laura chegou e dormimos ao sol. Ou isso foi no dia do picnic? Hoje foi o dia em que fizemos o exercício da leitura dos cadernos. No exterior, na grama, Júlia propôs dormirmos um pouco. O sol quente queima feito brasa (mesmo quando é só um cochilo). Ela fez uma fotografia que o prova, eu lembro porque mostrou. Depois sublinhámos as partes mais importantes dos nossos apontamentos e em seguida entremeámos nossos trechos numa leitura coletiva em voz alta. Me apaixonei pela ideia de acontecimentos que giram em distintas perspectivas e sugeri montármos este diário da oficina.

25.11.2016. Uma nova proposta de tempo, meu receio é não conseguir acessá-lo sozinha. Será preciso criar espaços de acesso coletivo ou será melhor me acostumar e acessar por mim? Eu e Júlia fomos as primeiras a chegar. Abrimos a toalha, que era meu

pedaço de uma longa toalha de plástico que comprámos no Bom Retiro, para o último dia da oficina que ela deu com Theo na Oswald de Andrade, o Monte. Foi onde eu conheci o Renato e também onde conversei mais com o Filipe. Sexta-feira. Hoje maiô no Sesc, picnic na grama – Júlia, Carol, Joana, Filipe, eu e Laura. À chegada, de longe na estrada, já as vi estender a toalha. Me atrasei por conta do trabalho e a Júlia me enviava pelo whatsapp fotos do pessoal de roupa de banho. Pedi para cada um levar um ingrediente para fazermos rolinhos primavera frescos vietnamitas. A Júlia levou bananas no lugar do pepino e o Renato nunca viu o e-mail para que trouxesse coentro. O molho já estava pronto, então minha receita de Nứớc chấ́m: ½ copo de água, ½ copo de açúcar, ¼ copo de vinagre de arroz, ¼ copo de sumo de limão, ⅓ copo de molho de peixe (Nam Pla), 1 dente de alho bem picado, 1 colher de chá de pimenta picada (vermelha, dedo de moça por exemplo). Modo de Preparo: aqueça a água com o açúcar para dissolvê-lo. Acrescente o vinagre, o sumo de limão e o molho de peixe. Mexa um pouquinho e pronto. O que importa é que, depois de colocar o limão, o ideal é não deixar muito tempo a panela no fogo, não é para ferver. Com o fogo apagado, adicione alho e pimenta. Eu faço assim para ficar mais suave. Deixe esfriar e depois

guarde na geladeira. Pode ser guardado por muito tempo. A Júlia trouxe um que guardamos por quase um ano. Cheirava ótimo. Saudável. Mas não tivemos coragem de usar. Tomámos banho de chuveiro. Apanhámos sol. Fizemos re-enactments de quadros famosos, todos de roupa de banho. Estava muito sol. Terminámos o dia nas espreguiçadeiras do Sesc. Foi hoje que nos apresentámos sendo outras pessoas. Eu era a Marie, uma francesa em intercâmbio. Eu era a Helena. Reencontrei o meu objeto, que estava no mesmo lugar onde o tinha deixado, com um bilhete do Sesc dentro, dizendo “Oficina Corpo Neutro” [com uma data ou algo do tipo]. O dia estava quente e o tempo nesses encontros foi outro. E nunca mais o pf daquele boteco perto do metrô teve os pratos que a gente realmente queria.

26.11.2016. Último dia, suspensão. Chegámos ao espaço de leitura e nos sentámos com este texto nas mãos. Mais uma vez, quase nada aconteceu. Ficamos só sentados a ler o livrinho amarelo.

Pare de cortar a grama foi escrito por Carolina Goulart, Filipe Barrocas, Joana Ferraz, Júlia Rocha, Laura Salerno e Renato Jacques, no contexto da oficina O corpo neutro realizada no Sesc Santana em novembro de 2016.

